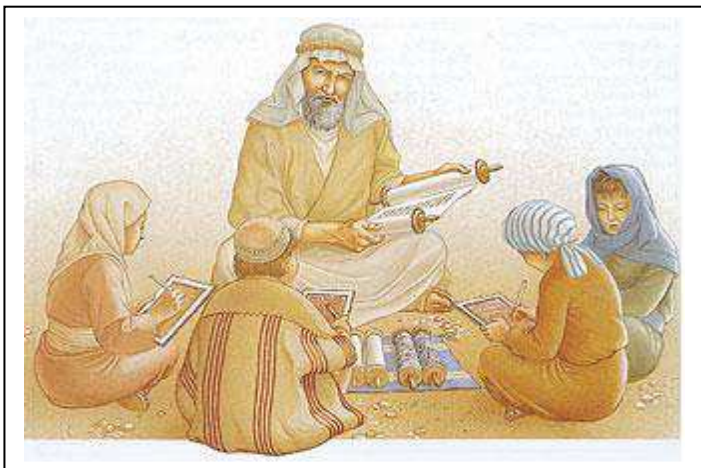


A FAMÍLIA NO NOVO TESTAMENTO



*“Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com vossos pais, dizendo a Abraão: **Por meio de tua descendência todas as famílias da terra serão abençoadas...** Assim, não sois mais estrangeiros, nem imigrantes; pelo contrário, sois **concidadãos dos santos e membros da família de Deus**, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina.”* (Atos 3.25; Efésios 2.19-20 – Almeida Século 21)

1. INTRODUÇÃO

Em nossos ciclos de aprendizado, sempre que nos dispomos a refletir sobre “família”, em primeiro lugar nos deparamos com um termo amplo e com significados diversos. Para alguns, família é um grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto. Para outros, família se refere ao grupo de pessoas com ancestralidade comum. Há quem atribua o conceito de família a pessoas ligadas por casamento, filiação ou adoção; outros consideram como família o grupo de pessoas unidas por convicções ou interesses ou provindas de um mesmo lugar.

Na concepção bíblica o termo “família”, do hebraico מִשְׁפָּחָה (*mispāhāh*), se refere a “*todos os integrantes de um grupo que estão relacionados por sangue e que compreendem esse senso de consanguinidade*”¹. Pelo âmbito espiritual, o vocábulo “família”, do grego πατριά (*patriá*), faz alusão “*a todos aqueles que são espiritualmente aparentados por Deus Pai, sendo Ele o Autor do relacionamento espiritual deles com Ele na qualidade de Seus filhos, estando eles unidos uns aos outros em comunhão*”². Os papéis dos membros da família permaneceram quase os mesmos durante o período bíblico. A mudança de cultura e de leis não afetou em grande medida os costumes familiares.

A despeito de viver em sociedade, incorporar conceitos étnicos e adotar comportamentos culturais externos, cada família possui identidade própria. Toda família é composta por peculiaridades intrínsecas aos seus membros. O presente estudo visa analisar, dentro do contexto bíblico do Novo Testamento, aspectos comuns das famílias neotestamentárias e suas consequentes contribuições para o desenvolvimento familiar ao longo do tempo. Que o Espírito Santo nos ilumine e forneça a porção necessária, de entendimento e compreensão, para a correta interpretação das Sagradas Escrituras. Bons estudos!

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 125 p.

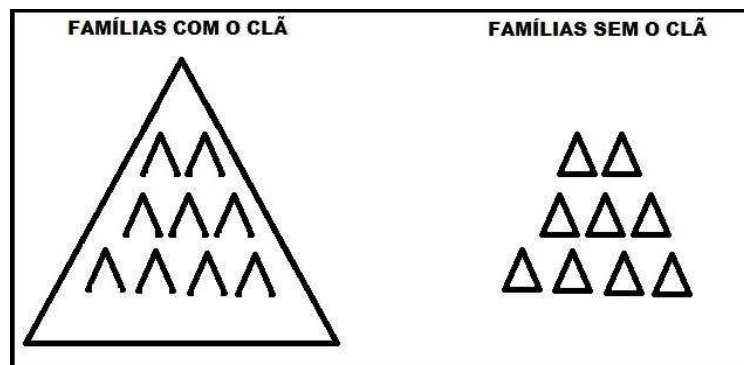
² *Ibid.*, p. 642.

2. O CONTEXTO FAMILIAR NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento não discute o tema “família” de forma direta, mas a encontramos presente em vários momentos da história do povo de Deus nos escritos do Novo Testamento, o que nos leva a refletir sobre o papel que ela desempenhou na tradição da Igreja Primitiva.

No decorrer do primeiro século, a atitude dos membros no seio de suas respectivas famílias começou a sofrer alterações. As pessoas estavam recebendo fortes influências dos gregos e romanos, que acabaram por minar muitos dos seus valores tradicionais. Era comum pais e filhos terem opiniões diferentes acerca de casamentos mistos, práticas religiosas e diversas outras questões. Os judeus mais ortodoxos tinham sérias dificuldades para manter intacto seu sistema de valores, em meio a uma sociedade modernista. Após várias ocupações sucessivas por exércitos de diversos países, seu senso de valores estava sensivelmente comprometido.

No período do Novo Testamento, as famílias enfrentaram uma série de dificuldades que provocaram o enfraquecimento dos laços familiares. No período pós-exílio os clãs foram enfraquecidos pela situação da época e no Novo Testamento as famílias sofreram com as consequências das crises presentes na palestina do primeiro século da Era Cristã. Na época de Jesus já não mais existia a unidade dentro dos clãs e as famílias viviam de forma individualizada, cada uma cuidando dos próprios problemas e necessidades.



Como exemplo do esboço acima podemos afirmar que há fortes indícios de que, ao chegar o tempo de Maria dar à luz a Jesus (cf. Lucas 2.1-7), tanto ela quanto o seu marido foram socialmente excluídos, pelos próprios familiares, e impedidos de usufruir do quarto de hóspedes, já ocupado por outros membros da família que haviam chegado antes³. Essa revelação é respaldada pelo fato de que, no texto bíblico em análise, o termo utilizado para “hospedaria” (ou “estalagem”), é o vocábulo grego *καταλύματι* (*katalýmati* = “uma sala de jantar [ou quarto de visitas] acrescentado a uma casa particular”), em vez da palavra *πανδοχεῖον* (*pandocheïon* = “casa pública para recepção de

³ HERBERT A. PEREIRA. A degeneração do verdadeiro significado do Natal. Disponível em: http://www.keryxestudosbiblicos.com.br/files/a_degeneracao_do_verdadeiro_significado_do_natal.pdf. Acesso em: 11/05/2014.

estranhos”) utilizada habitualmente (cf. Lucas 10.34)⁴. Outro exemplo relevante é a fala dos discípulos de Jesus que, após o ver curar diversos enfermos que estavam no meio de uma grande multidão – composta por aproximadamente quinze mil pessoas (cf. Mateus 14.21), disseram: “*O lugar é deserto, e a hora já está avançada; manda embora as multidões, para que possam ir aos povoados comprar algo para comer.*” (Mateus 14.15). O que eles não esperavam, era que Jesus respondesse: “*Eles não precisam ir embora; vós mesmos dai-lhes de comer.*” (cf. Mateus 14.16).

Com o crescimento dos impostos, e o conseqüente empobrecimento do povo, surgiram o endividamento e o desarraigamento. Para pagar as dívidas os pais vendiam os filhos e filhas como escravos, escravas e prostitutas – realidade cujo conceito estava possivelmente incutido na mente do “filho pródigo”, quanto este resolveu se oferecer como escravo ao próprio pai (cf. Lucas 15.17-19). Por causa da grande crise financeira que assolava a região, a palestina e a Síria foram consideradas os maiores fornecedores de escravos e escravas do mundo daquela época. O não pagamento das dívidas gerou o desarraigamento de muitas famílias, que começaram a perambular de um lado para o outro a procura de emprego e comida, deixando parte dos seus membros familiares pelo caminho.

3. A FAMÍLIA NO MINISTÉRIO DE JESUS

A leitura e análise dos Evangelhos, dentro dos seus respectivos contextos, apresentam alguns indícios de que a família esteve presente no ensino e no ministério de Jesus. Através do estudo de alguns textos dos Evangelhos podemos perceber que o Senhor Jesus, de uma maneira ou outra, resgatou o sentido de família. Ele não falou de maneira clara ou direta sobre ela, mas fica claro que a família teve papel importante na Sua formação e para o Seu ministério. O Senhor Jesus viveu cerca de trinta anos junto de sua família, enfrentando com ela os mais diversos tipos de situações e experimentando na pele o cotidiano da vida e das relações judaicas – e fez tudo isso sem realizar um único milagre (cf. João 2.11).

As ideias de Jesus sobre a família, a sociedade, sobre a mulher, o divórcio, o perdão e as crianças chocaram não apenas os preconceituosos mas até os liberais. Ele apregoava uma volta aos valores fundamentais da família, e a busca de uma atitude de maior compreensão e compaixão para com o indivíduo. Sua atitude de receptividade para com as crianças contrastava visivelmente com a dos discípulos, que desejavam afastá-las (cf. Marcos 10.13). Seu ensinamento sobre perdão (cf. Mateus 18.22) e o divórcio (cf. Mateus 19.8) era nitidamente diferente do que a maioria das pessoas estava acostumada a ouvir. Um dos pontos centrais, da mensagem revolucionária apregoada por Jesus, era a santidade na família.

O Senhor Jesus, em Seu ministério, frequentou três lugares básicos da sociedade judaica da época. Vejamos:

⁴ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

1. A **porta** (cf. Lucas 7.12; João 5.2). Lugar de entrada e saída das cidades e aldeias e, portanto, onde as pessoas costumavam se encontrar. Podemos chamar esse lugar de *vida pública*.
2. A **sinagoga** (cf. Mateus 4.23; 9.35; 12.9). Lugar de oração, estudos e reuniões do povo. Podemos chamar esse lugar de *adoração pública*.
3. A **casa** (cf. Mateus 8.14; 9.10, 23; 26.6; Lucas 7.36; 10.38; 14.1). Lugar onde aconteciam a *vida privada* e a *adoração privada*.

Destes três ambientes, a casa foi a mais frequentada pelo Senhor Jesus e onde Ele realizou alguns dos Seus principais sinais. Esse tipo de comportamento de Jesus nos ensina uma preciosa lição: Ainda que seja válido o ato de nos reunirmos por meio de um ajuntamento solene e orarmos uns pelos outros (cf. Hebreus 10.25; Tiago 5.16), a vida devocional do cristão só se desenvolve “*no secreto do quarto*” (cf. Mateus 6.6). Deus não se relaciona com aquele que nós somos na coletividade, diante dos “holofotes” das pessoas. Ele se relaciona com aquele que nós somos quando não há ninguém olhando para nós. É na privacidade do nosso ser que construímos a nossa comunhão com Deus e somos por Ele recompensados (cf. Mateus 14.23). Quando o Senhor Jesus se encontrou com Zaqueu, enquanto atravessava a cidade de Jericó (cf. Lucas 19.1-10), ele poderia muito conversar com aquele chefe dos publicanos ali mesmo ao pé de alguma árvore, ou então, durante o percurso em sua travessia pela cidade. No entanto, Jesus disse: “*Zaqueu, (...) hoje tenho de ficar em tua casa.*” (cf. Lucas 19.5).

Para falar do amor, da graça e da misericórdia de Deus, o Senhor Jesus buscou no contexto familiar figuras que seriam compreensivas para o povo. Quando se dirigia de maneira mais íntima a Deus em Suas orações, Ele utilizava a expressão ἄββᾶ (*Abbá*). O termo, de origem aramaica, era uma maneira carinhosa das crianças e dos jovens chamarem o pai. Tinha o sentido de “pai querido”, “papai”, “papaizinho” (cf. Marcos 14.36; Romanos 8.15; Gálatas 4.6) e continha ideias de respeito, intimidade, afeição e confiança. Em nenhum lugar, em toda a imensa riqueza da literatura devocional produzida pelo judaísmo antigo, achamos ἄββᾶ (*Abbá*) empregado como modo de se dirigir a Deus. O judeu piedoso sabia demais acerca do grande abismo entre Deus e o homem (cf. Eclesiastes 5.1)⁵. Desta forma Jesus inova no relacionamento com Deus, pois para o judaísmo daquela época este relacionamento deveria ser cerimonioso e formalista e não familiar – íntimo. Os judeus conheciam a Deus apenas como o Criador do universo e o Senhor da guerra. Foi através do Senhor Jesus que Deus passou a ser apresentado e conhecido como Pai, o nosso ἄββᾶ (*Abbá*), o nosso “papaizinho querido”.

Ao resgatar o sentido de vida familiar e a valorização dos laços familiares, o Senhor Jesus apresentou nova estrutura de família, não mais baseada na submissão cega, subserviência irrestrita e autoridade absoluta do pai (homem), mas no respeito, na liberdade, no compartilhamento amplo e na

⁵ COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1500 p.

fraternidade de todos os membros da família – se contrapondo a um relacionamento sem amor, frio e apenas formal. Em uma de Suas conversas com os discípulos Ele disse: *“Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, pois o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, pois vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai.”* (João 15.13-15)

Jesus substituiu a autoridade do pai por relações baseadas no amor e na comunhão, superando as relações familiares daquela época em muito. Além disso, Ele mostrou a família como instituição de aproximação e compromisso entre seus participantes:

“Enquanto ele ainda falava às multidões, sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, querendo falar com ele. E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo. Ele, porém, respondeu ao que lhe falava: Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E, apontando com a mão para os discípulos, disse: Aqui estão minha mãe e meus irmãos. Pois quem fizer a vontade de meu Pai que está no céu, este é meu irmão, irmã e mãe.” (Mateus 12.46-50)

4. A FAMÍLIA NA IGREJA PRIMITIVA

No período do crescimento do cristianismo, através das primeiras comunidades, a casa e a família foram os primeiros “templos” onde o povo de Deus se reuniu para o culto, para a celebração da ceia e para a difusão do Evangelho de Cristo.

O livro Atos dos Apóstolos faz várias referências a casas e famílias: Em Cesaréia, a igreja se reunia na casa de Cornélio (cf. Atos 10.2); em Filipos a igreja se reunia na casa da comerciante Lídia (cf. Atos 16.11-15, 40); na cidade de Corinto o ponto de encontro era na casa do chefe da sinagoga, Crispo (cf. Atos 8.8); já na cidade de Roma o casal Áquila e Priscila abriram as portas da sua casa para os primeiros cristãos da cidade se reunirem, partilhar a ceia e divulgar as Boas Novas do Evangelho de Cristo. Os primeiros cristãos que frequentavam estas “casas” se constituíam em “pequenas” igrejas.

Um adendo importante: Com exceção da cidade de Jerusalém, onde os cristãos podiam se reunir nos pátios do Templo, em todos os outros lugares daquela época, os cristãos não tinham um lugar central de reuniões. Eles se reuniam em casas, salões ou onde quer que pudessem. Havia multidões de cristãos nas cidades, não em uma só grande congregação, mas em muitas congregações pequenas – provavelmente composta por no máximo cinquenta membros, sendo que cada congregação possuía liderança própria.⁶ A maioria das cartas que o apóstolo Paulo escreveu não tinha uma “casa” específica como destinatário, mas eram cartas “circulares” que percorriam todas as igrejas de determinada região (cf. Romanos 15.26; 1Coríntios 16.1).

Nas cartas de Paulo encontramos diversas alusões às relações familiares. O apóstolo destaca a família como modelo de comportamento ideal para toda a igreja e exorta as comunidades cristãs como

⁶ KEENER, Craig S.. *Comentário bíblico Atos: NT*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 500 p.

se elas fossem a sua família (cf. Romanos 12; 14; 1Coríntios 12; Efésios 5.21-26; Colossenses 3.18-21). Ele também apresenta um princípio considerado novo para os padrões neotestamentários.

Sabemos que a sociedade daquela época estava centrada na figura do homem como marido e pai de família. Este homem era o chefe da casa e não levava em conta os direitos e as necessidades da mulher, esposa e mãe de seus filhos. Quando a sociedade começou a passar por mudanças, alguns homens se sentiram meio inseguros. Ao perceberem que as mulheres gregas e romanas gozavam de certas liberdades, começaram a temer que o mesmo pudesse acontecer às suas esposas, que eles consideravam simples propriedade deles – por causa interpretação distorcida que eles haviam dado ao texto de Êxodo 20.17, de onde eles comparavam a mulher a uma casa, ou uma cabeça de gado. Por isso a mulher deveria se submeter ao marido sem questionar suas decisões e atitudes. Seu papel era cuidar dos filhos e não participar das decisões do marido. Decidir era função do homem.

A apóstolo Paulo contraria a cultura vigente no período neotestamentário e ensina que o homem, acostumado a fazer da sua esposa uma mulher serviçal e dedicada aos seus caprichos, sem ter direito ao respeito, deve agora amar a esposa como Cristo amou a Igreja, se entregando pela integridade da Sua Igreja. O homem deve respeitar e cuidar da mulher como o faz com “seu próprio corpo” (cf. Efésios 5.25-28). Paulo questionou a posição machista daquele período e apresentou um princípio de relacionamento conjugal e familiar totalmente novo para os padrões da época.

Além dos escritos paulinos, encontramos, em outros documentos do Novo Testamento, a alusão à família. O apóstolo Pedro diz, em outras palavras, a mesma coisa que Paulo. Em 1Pedro.3.1-7, ele aconselha a esposa a ser submissa ao marido e conquistar sua confiança pelo procedimento e comportamento. Aos maridos diz para tratar a esposa com consideração e dignidade, pois ambos, homens e mulheres, são herdeiros da mesma graça.

5. CONCLUSÃO

Observamos que Jesus, durante Sua vida e ministério, resgatou a “casa”, a “família”, que vinha ao longo dos anos e dos séculos, sendo desacreditada, sofrendo transformações e perdendo suas funções na sociedade de Israel. O Senhor Jesus não só resgatou isso, como também superou e muito seu significado e propósito. Ele deu a família uma objetividade maior que se expressa na solidariedade, na igualdade, no perdão, na reconciliação, na restauração, no amor incondicional, na doação e autodoação etc.

A igreja neotestamentária herdou esta tradição das palavras e do ministério de Jesus e encontrou na família, a inspiração e a força para responder aos desafios do primeiro século da vida cristã, deixando em seus principais documentos o registro dos princípios que norteiam a família cristã e o desafio para que os(as) leitores(as) e estudiosos(as) do Novo Testamento e da Bíblia, como um todo, tenham a mesma inspiração e força para responder aos desafios do presente século.